

O MEIO RURAL PORTUGUÊS CONSELHO DE ALCOBAÇA

Geógrafa:

Vera Maria Oliveira Reis

As diferentes repercussões da diversificação econômica e, sobretudo, a resolução industrial contribuiram para formar no país 2 áreas distintas. O 1º fator de oposição é o clima que apresenta um Portugal setentrional atlântico, opondo-se a um meridional mediterrâneo.

A grosso modo, observa-se que são divididos por um fator geográfico incontestável: o rio Tejo.

Portugal setentrional apresenta um relevo movimentado; pluviosidade anual abundante (superior a 700/800 milímetros - a seca de verão não passa de 1 ou 2 meses); o solo e a vegetação são de tendência atlântica, com florestas predominantemente de folhas caducas; povoamento denso; sistemas de culturas variados; predominância da pequena propriedade e da exploração direta (mais de 90% das explorações são inferiores a 5 ha); a forte densidade de população é acompanhada de abundante e variada mão-de-obra (63% da população rural e 62% da industrial vivem nesta área); a produção econômica é mais importante e mais variada.

O Milho apresenta grande diversidade de atividades econômicas, forte densidade populacional, variada e externa policultura. É um dos pólos da civilização rural.

Na região de Trás-Montes aparece a cultura de cereais, com pousios obrigatórios e campos desnudados. O povoamento é muito concentrado. Em certas freguesias a pulverização da propriedade é tão grande que chega-se ao exagero de pertencer a terra a um proprietário e as árvores, a outros, havendo mesmo a divisão das próprias árvores, repartidas entre os herdeiros.

O vale do Douro, com um verão quente e seco, é ocupado pelos vinhedos.

O Porto é o grande centro urbano, com quase 600 mil habitantes.

Portugal meridional, onde o Alentejo oferece um contraste flagrante com o Portugal do norte, apresenta as seguintes características: os fatores físicos, em particular a fraca pluviosidade, o longo período de seca no verão e os fatores humanos ocasionam uma ocupação agrícola descontínua a partir de centros dispersos, sistemas de cultivo com longos pousios combinados, predominância da grande propriedade (excetuando-se a província algarvia, ao sul, onde certo tradicionalismo agrário e condições de solo e clima determinaram a frequência da pequena e pequeníssima propriedade), imensos maquis (charnecas) utilizados como pastagem de ovelhas. Predominam as culturas de trigo, olivais e criação ovina.

Os principais centros agrícolas e comerciais são: Beja e Évora.

O Algarve, no extremo sul, apresenta altitudes modestas, clima quente e seco. É fruto de longa ocupação muçulmana.

A arboricultura apresenta certa importância. A costa tem uma diversidade representada pelas salinas, a pesca e o comércio. Tem uma densidade populacional elevada com vazios demográficos no interior.

O meio rural português apresenta quarenta e nove, nove por cento (49,9%) das empresas agrícolas enquadradas no tipo familiar imperfeito, isto é, o agricultor e sua família não podem tirar da exploração o rendimento suficiente para suprir suas necessidades fundamentais, o que o obriga a arrendar. Noventa e cinco por cento (95%) das explorações tem menos de 10 ha o que perfaz 32% do total; 39% da área cultivada é de exploração superior a

200 ha, equivalente a 0,3% do total e, 29% estão entre os 10 e os 200 ha, o que representa 5% do total.

A região onde domina o minifúndio com parcelas inferiores a 1/2 (0,5) ha se estende nos distritos do nordeste (Viana do Castelo, Braga, Aveiro e Viseu).

Além da pulverização da propriedade outro problema que aflige o meio rural português é a evasão de mão-de-obra para a indústria e a emigração para a França, principalmente, o que não deixa de ser uma consequência inevitável do progresso técnico.

Em Portugal, no ano de 1960, 49% dos habitantes dedicavam-se ao setor primário, 28% ao secundário e 23% ao terciário. Estes números, porém, são a média para o continente pois a amplitude de uma província para outra é enorme, a saber:

- no Baixo Alentejo temos 76% no setor primário, enquanto que no Douro litoral a percentagem é de 28%.

Para efeitos de comparação recorremos à estrutura agrária do Estado do Rio Grande do Sul elaborada pelo Instituto Brasileiro de Reforma Agrária, que procedeu a um cadastramento das propriedades agrícolas do Estado, considerado área prioritária de reforma agrária no país. O IBRA classificou os estabelecimentos rurais dentro das seguintes categorias:

- pequena propriedade até... 10 ha média 10 a 100 ha grande de 100 a 1000 ha muito grande de... 1000 a 10000 ha excepcionalmente mais- de... 10000 ha.

Revelou-se uma desigualdade na distribuição da propriedade fundiária, predominando o minifúndio em zonas de colonização, 61% dos imóveis rurais

compreendendo 12,4% do total agrícola, e o latifúndio nas áreas de campo, onde as propriedades com mais de 500 ha somam 1,01% do número total de imóveis, abrangendo 37,6% da área agricultável.

ESTRUTURA DA PROPRIEDADE

Os técnicos da fundação Calouste Gulbenkian apresentaram na obra "A Região A Oeste da Serra dos Candeeiros", a seguinte classificação das propriedades rurais, em função do rendimento coletável expresso em escudos ouro (um escudo ouro corresponde a seis escudos ou 0,22 centavos em moeda brasileira; conf. câmbio em julho); 1972 a saber:

- pequena propriedade, limite máximo de 65 escudos ouro (390 escudos - 85,80 cruzeiros); a produção não assegura ao trabalhador um nível de vida regular e o obriga à obtenção de outras fontes de renda;

- média propriedade, entre 65 e 655 escudos ouro (3.930 escudos - 864,60 cruzeiros); a produção garante um nível médio de vida sem recorrer a outros meios;

- grande propriedade, entre 655 e 2.620 escudos-ouro (15.720 escudos - 3.458,40 cruzeiros); possibilita um alto nível de vida;

- muito grande propriedade, mais de 2.620 escudos-ouro, onde a produção proporciona elevado nível de vida com o mero recurso do arrendamento.

A mera noção de grandeza física, isto é, da extensão territorial ocupada, não pode servir de base a uma classificação universal da propriedade por categorias, visto que os conceitos variam de região para região, mesmo dentro de um país.

Assim, os limites máximos fixados para a pequena propriedade variam de 5 ha em Viseu a 10 ha em Douro e 50 ha no baixo Alentejo; os mínimos considerados para a grande propriedade vão de 15 ha em Viseu até 1.000 ha no Alto Alentejo. Assim, a média propriedade oscila entre os 10 e os 30 ha no Minho, de 20 a 1.000 na Estremadura, de 50 a 500 no Ribatejo, de 10 a 50 no Algarve litoral, etc.

Minifúndios e latifúndios possuem problemas específicos difíceis de serem solvidos, como veremos no decorrer desta explanação.

O CONSELHO DE ALCobaça

1 - O quadro natural

O Concelho de Alcobaça está situado na zona fisiográfica da Estremadura entre os 8 graus 58'W de longitude e os 39 graus 32'N de latitude, a uma altitude, média de 220 metros.

Pertence, administrativamente, ao distrito de Leiria e, como integrante da IX Região Agrícola, ao conselho de Caldas da Rainha.

São seus limites naturais: o oceano Atlântico, os concelhos de Nazaré, Marinha Grande, Leiria, Porto de Mós, Rio Maior e Caldas da Rainha e a serra dos Candeeiros, totalizando 40.096 ha de terrenos de variada orografia, onde predominam pequenas cadeias de colinas em cujas depressões correm os rios Areia, Alcoa e Baça, - origem de várzeas e paúes de grande amplitude, quase completamente submetidos à cultura intensiva de cereais e leguminosas.

Está dividido em 16 freguesias: Alcobaça, Alfeizerão, Aljubarrota (Nossa Senhora dos Prazeres), Aljubarrota (São Vicente), Alpedriz, Bárrio, Benedita, Cela, Cós, Évora de Alcobaça, Maiorga, Pataias, São Martinho do Porto, Turquel, Vestiária e Vimeiro.

2 - Clima

Segundo Köppen, a região é do tipo Cb, clima temperado com chuva e sem queda regular de neve; quantidade média de precipitação do mês mais seco inferior a 40 mm; o verão é pouco quente e prolongado.

A média anual de precipitação é de 1.051 mm e a umidade relativa média é de 79,3% no mês de janeiro e 66,2% em junho.

A temperatura média encontra-se ao redor de 15,5 graus C, sendo a geada um fenômeno frequente (21 dias ao ano). A temperatura média no outono é de 16,8 graus C, e, no inverno, 8,4 graus C; a umidade relativa é de 73% no outono e 82% no inverno.

3 - Solos

São compostos, predominantemente, de calcáreos, mas também de arenito. O conselho assenta-se sobre a zona das colinas jurássicas e cretáticas da Estremadura, o vale tifônico e, parte ainda, na planície costeira.

Em Maiorga e Cela encontram-se os aluviossólos doces, que são solos de aluvões com características variadas, formados por depósitos estratificados com pouca ou nenhuma modificação devida a processos pedogênicos, exceto com pequena acumulação de matéria orgânica na superfície.

4 - População

Se "a análise da população de uma região dá a estrutura das suas atividades, a medida das suas forças e das suas possibilidades futuras" (Armando Monteiro em "Ensaio de um Curso de Economia Política") - mister se faz que neste breve trabalho tomemos alguns apontamentos sobre a população do conselho.

Quadro comparativo da população em 1960

HOMENS	MULHERES	TOTAL
Portugal continental 3.147.037	3.533.858	6.680.895
Alcobaça 25.659	24.368	50.027

Baseando-se nestes dados constatamos que a população do concelho corresponde a 0,0008% da de Portugal.

Estrutura etária da população em 1940 e 1950 - País

Menos de 15 anos	32,5%	29,4%
de 15 a 59 anos	56,1%	58,6%
de 60 anos e mais	11,2%	12%

Notamos que mais da metade da população total está compreendida na faixa de 15 a 59 anos.

Sendo a economia de conselho de caráter nitidamente agrícola, sua população encontra-se dispersa na zona rural apenas apresentando características urbanas as sedes de Pataias e Alcobaça, sendo a primeira sede de freguesia e a última, de conselho.

População do conselho em 1960

Total do conselho - 50.027 habitantes
Freguesia de:

Alcobaça	5.166
Aljubarrota	2.044
Bárrio	1.588
Cela	3.386
Évora de Alc.	4.774
Pataias	5.809
Turquel	4.065
Vimeiro	2.366
Alfeizerão	3.881
Alpedriz	1.786
Benedita	5.176
Cós	2.129
Maiorga	2.258
S. M. Porto	1.619
Vestiária	1.188

Repartição da população ativa pelos setores de atividade econômica (1950)

Primário -	56%
Secundário -	28%
Terciário -	16%

Repartição da população nas diversas classes de atividade (1950)

Setor primário

agricultura e pecuária -	55%
silvicultura e caça -	0,2%
pesca -	0,5%
total do setor primário....	56%

Setor secundário

indústrias transformadoras:

Alimentação.....	- 1,3%
Téxteis.....	- 5,2%

Calçado e vestuário.....	- 6,5%
Madeira.....	- 2,1%
Mobiliário.....	- 0,4%
Papel.....	- 0,1%
Químicas.....	- 0,1%
Minerais não metálicos	- 6,3%
Metais, construção de máquinas e material de transporte.....	- 1,5%
Diversas.....	- 1,7%
total do setor secundário...	28%

Setor terciário

Transporte e comunicações	- 1,7%
Comércio e seguros.....	- 3,9%
Serviço de administração pública.....	- 2%
Serviços de interesse geral	- 1,4%
Serviços pessoais.....	- 6,6%
Total do setor terciário...	15%

5 - Transportes e comunicações

A sede do concelho é atravessada pela linha do oeste da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, numa extensão de 20.300 m. Com pouca capacidade transformadora sofre ainda a concorrência das rodovias. Destas, a principal é a nº 8, mas também este serviço se revela deficiente (Alcobaça dista 108 km de Lisboa).

O grande meio de transporte utilizado é o burro que serve tanto à zona urbana quanto à rural, transportando pessoas e produção agrícola.

A sede do conselho e as freguesias ligam-se entre si por carreiras de ônibus, assim como aos conselhos vizinhos, notadamente Nazaré e Leiria. Contam ainda com rede telefônica e telegráfica.

6 - Estrutura agrária

As bases em que se assenta a estrutura agrária de uma região e o seu conhecimento, são subsídios indispensáveis para que se conheça a atividade agrícola desta mesma região.

Uma infra-estrutura agrária racional possibilita um aumento no nível de vida do homem rural, promove a sua emancipação e proporciona possibilidade de aquisição de novas técnicas e de inversão de capitais.

7 - Histórico da ocupação da terra

Em 1153, o governo português de D. Afonso Henriques, doou aos monges de Cister (do mosteiro francês de Cladaval) "a herdade realenga situada entre as povoações fortificadas de Leiria e Óbitos" ao abade Bernardo de Cladaval e aos seus sucessores.

A carta de outorga do senhorio, menciona entre as povoações já existentes, a de Alcobaça, onde se instalaram.

"As doações feitas ao mosteiro formavam um vasto domínio que os monges foram alargando, mas, só em

1358 é que se encarou o problema do povoamento porque só então se tornaram definitivas estas doações.

Os forais ou cartas de povoação, dadas pelos monges a um determinado número de povoadores ou, mais raramente, a núcleos já existentes mas de importância restrita, têm um valor indiscutível para o conhecimento da história do povoamento e da agricultura do conselho.

O mosteiro, construído em 1380, oferecia grandes facilidades aos colonos pois, além de uma determinada superfície de terreno (após alguns anos de efetivo cultivo da terra, esta tornava-se propriedade do agricultor) fornecia todo o implemento agrícola necessário, sementes, e, inclusive o material para a construção das moradias.

Os monges sanavam o problema da falta de mão-de-obra dedicando-se também aos trabalhos agrícolas e fabricando inclusive as ferramentas necessárias.

Segundo o capítulo VI da "História Chronologica e Crítica" de frei Fortunato de São Boaventura (extraído da publicação "A região a oeste da serra dos Candeeiros") - "os monges extraiam ferro das minas e trabalhavam-no até obter a forma dos instrumentos de agricultura, secavam pântanos, dirigiam moinhos e colhiam os frutos. Enfim, orientavam os colonos com o seu exemplo próprio."

Ao colono não era permitido vender, dar, doar, trocar ou emprestar terras pois estas lhes eram dadas em uso fruto. Era um sistema complexo, sendo difícil encontrar-se guarida em todos os moldes atuais de beneficiamento da terra.

Chegaram os monges, inclusive, a construir os portos de Paredes (na foz do rio Liz), Pederneira, (ao sul de Nazaré) e Alfeizerão (na foz do rio do mesmo nome) por onde escoavam os produtos da região, tais, como: madeira, trigo, frutas, vinho e outros.

A agricultura, praticada e orientada pelo mosteiro, apresentava os seguintes aspectos fundamentais:

1 - em meados do século XIV apareceram as granjas (quintas-modelo, segundo J. Vieira Natividade);

2 - Havia experimentação, aclimatação de espécies e emprego de sementes selecionadas;

3 - procedia-se a uma preparação teórica do plantador com experimentação e utilização prática dos conhecimentos adquiridos;

4 - o mosteiro exercia o crédito agrícola, fornecia os implementos de sua própria fabricação, emprestava as sementes que eram pagas em igual quantidade na época da safra;

5 - os monges criaram escolas agrícolas a partir da 1269.

O mosteiro teve também uma Enfermaria e Botica, a 1ª do país, que forneceu todos os medicamentos ao 1º hospital termal da Europa, o de Caldas da Rainha.

O abade frei Estevan Martins instituiu na abadia as primeiras aulas públicas para leigos, em 1279 e, 1458, às expensas dos padres foram criadas bolsas de estudo à semelhança das modernas.

Criaram também uma Biblioteca que era franqueada ao público, biblioteca esta que foi a maior e mais antiga do reino e que continha grande número de livros raros e manuscritos gregos, latinos e árabes (foi saqueada em 1834 e seus restos encontram-se na Biblioteca Nacional de Lisboa).

"O alto nível da ciência agronómica dos monges de Alcobaça e a sua hábil política agrária evidenciavam-se no confronto com as terras das ordens militares, das honras dos barões e ricos homens, e até dos reguengos do rei, no centro e no sul do país. Aqui, a agricultura sem ciência nem consciência: sobre a cinza da queimada lança-se a semente à terra, empobreçida pela viciosa cultura extensiva e exclusiva de cereais. Pastam rebanhos em charnecas desertas e brenhas impenetráveis que se estendem por léguas sem fim. Protegem-se as feras para desenfado dos nobres, enquanto o serviço da gleba continua na dependência do imunitário, segundo as formas mais primitivas da escravidão da terra (J. V. Natividade)".

Por volta de 1475, os abades vaticíos são substituídos por abades nomeados, estranhos à ordem de Cister.

Os 2 primeiros, filhos do rei D. Manuel, os cardeais D. Afonso e D. Henrique (este, mais tarde, também rei) foram os criadores da expansão dos edifícios do mosteiro, acrescentando novos claustros. Os seus sucessores, porém, a partir do século XIII, só se permitiam desfrutar das rendas da abadia e, já enriquecidos, deixam de supervisionar a agricultura na área. Seus primeiros ensinamentos, entretanto, perduraram até os fins do século XIV, quando entra para o abacato de Alcobaça, frei Dornellas que implantou o feudalismo, tempo em que o fausto substitui a primitiva pobreza, e ocasiona a evasão dos colonos.

Para corrigir os desmandos, D. João III nomeia um abade comandatário que é destituído por D. João IV.

As rendas da abadia já não cobrem as despesas das grandiosas obras e do faustoso viver monástico, que atingem seu clímax na segunda metade do século XVIII. Em 1833, os frades aban-

donavam o mosteiro, não sem antes tentarem fazer novamente renascer a agricultura, plantando oliveiras na serra dos Candeeiros, transformando em granja uma quinta junto a Turquel e industrializando o seu mel, plantando pomares de laranjas e limas.

Frei Manoel de Mendonça (que era primo do Marquês de Pombal) promoveu o saneamento dos campos de Alfeizerão, Famalicão, Maiorga e Valado (este em Nazaré). Ainda hoje se encontram na área vestígios dos ensinamentos dos monges. Constatamos "in loco" um dos tipos de irrigação construído ou orientado pelos cisterciânicos, numa encosta, onde a vala é toda ladeada.

Este estado de coisas conduziu a um desajustamento das estruturas e instituições vigentes, dando-se mediante convulsão e crise.

Observa-se, hoje em dia, que a estrutura do setor agrícola está, em geral, geral, desajustada às necessi-

- de cerâmica artística.....

de louça de uso doméstico.....

de conservas de frutas

de fiação e tecidos.....

de vidros

de calçados

de cutelaria

de serração de pedra

de serração de madeiras

de carpintaria e fabrico de móveis

de cimento

de gesso

de telhas e tijolos

de plásticos

de empalhação de garrafoes

sidades modernas do agricultor e da sociedade urbana, produtora de bens industriais e de serviços.

No século XIX o advento da máquina à vapor introduziu profundas modificações nas técnicas de produção em todo o mundo. A agricultura que era mais de subsistência teve de adquirir adubos e máquinas para poder competir no mercado consumidor.

A partir de 1912, Alcobaça procurou intensificar e retomar a sua decaída produção frutífera, com o plantio de macieiras, pereiras e pesseiros.

Em 1955, apresentava 508 ha de área cultivável numa superfície territorial de 40.096 ha, distribuída nas seguintes modalidades:

Distribuição da superfície territorial

- com utilização agrícola..21.629 ha
com utilização florestal..14.665 ha
com utilização agro-florestal..... 28 ha

incultos ou outras utilizações não especificadas acima..... 5.511 ha
total..... 41.833 ha

Destes terrenos temos:

- em áreas de sequeiro.. 19.945 ha
em área de irrigação.. 1.684 ha
culturas arvenses.... 1.616 ha
culturas hortícolas.... 56 ha
total..... 23.301 ha

Por culturas de sequeiro, enquadramos a cultura arvense de sequeiro, a cultura arvense fresca, as pastagens de lizíria e o prado permanente de sequeiro; nas de regadio: a cultura hortícola de regadio, a cultura arvense de regadio, o arrozal e o prado permanente de regadio.

8 - A Pecuária

A grande incidência da pequena propriedade e a maior importância das culturas da vinha, cereais e frutas o-

..... Alcobaça, Fervença, Prazeres de Aljubarrota, Vestiária.

Alcobaça

Alcobaça

Alcobaça e Fervença.

Alcobaça e Pataias

Benedita

Benedita

Alcobaça, Benedita e Turquel

Alcobaça, Benedita, Alfeizerão, Cós, Fervença, Évora, Pataias,

Póvoa, Prazeres de Aljubarrota.

Alcobaça, Benedita, Pataias

Pataias

S. Vicente de Aljubarrota

Alcobaça, Alfeizerão, Pataias

Moita (Pataias)

Pataias.

casionaram uma pequena atividade pecuária na região.

o gado cavalar é utilizado como força de trabalho e sua alimentação consiste, principalmente, em palha de milho e pouca ração (fava, aveia, trigo).

O gado caprino e ovinho é criado com a função precípua de fornecer leite e queijo. Os porcos são estabulados e recebem uma alimentação pobre, de resíduos e alguma hortaliça.

Já os animais de capoeira, quando em estabelecimentos industriais recebem farinha própria como alimento. Porém, em exploração familiar são criados para o consumo e a alimentação consiste em restos e algum milho.

O gado bovino e o gado muar têm campos próprios para pastagem e a alimentação é completamente com palha de trigo e milho.

Efetivo pecuário - 1963

Bovinos..... 1.414 cabeças
Caprinos..... 1.748 cabeças

Suinos..... 3.322 cabeças
Ovinos..... 3.578 cabeças

9 - A indústria

Pelo incremento e importância que a indústria do conselho vem significando na economia da região, fazemos aqui algumas referências.

Constatamos, distribuídas pelas diversas vilas e freguesias, as seguintes indústrias:

Destas, as mais importantes são as de cerâmica artística, de conservas de frutas, fiação e tecidos, calçados e cutelaria, cimento.

10 - A agricultura

Em estágio realizado no Serviço de Levantamento e Reconhecimento Agrário, da Secretaria da Agricultura, do Ministério da Economia, Lisboa, Portugal, elaboramos uma Carta de Uso da Terra, usando como subsídio o borrão da Carta Agrícola e Florestal, ora em execução neste serviço.

Nesta carta aparecem discriminadas as culturas da vinha, olival, mata, frutas, arrozais, a cultura arvense e as de sequeiro e irrigadas.

As culturas arvenses, que podem se apresentar em sequeiro e irrigadas não aparecem discriminadas porque, em geral, são feitas por rotação. As culturas hortícolas de sequeiro e os viveiros foram consideradas irrigadas.

A designação na carta foi dada pela maior percentagem da espécie nas manchas representadas. Exemplificando: - em terrenos incultos encontramos áreas sem ocupação agrícola, a floramentos rochosos, algum mato ralo, árvores dispersas; numa grande mancha por nós designada como cultura arvense, reconhecemos também pequenas manchas de cultura de sequeiro que, no conjunto não tem representação; na designação mato englobamos todas as espécies florestais, tais como: pinheiros, carvalhos, pícos, cedros, choupos, vimeiros, etc.

Com base na Carta de Uso da Terra, pesquisas bibliográficas e locais, chegamos às seguintes conclusões:

- 52% dos terrenos apresentam utilização agrícola (21.630 ha)
35% dos terrenos com ocupação florestal (14.665 ha)
11% são terrenos incultos (28 ha).
dos 21.630 ha de utilização agrícola, temos:

1.684 ha dedicados às culturas de regadio
19.950 ha dedicados às culturas de sequeiro.

Das áreas de irrigação, as culturas arbóreas e arbustivas ocupam 34 ha e as arvenses e hortícolas, 1.672 ha.

Das áreas de sequeiro, os oliveiros correspondem a 5.667 ha, o arvore-

do frutífero a 118 ha e a vinha a 3.714 ha. Os 14.665 ha com utilização florestal compreendiam 14.379 ha de associações puras, 260 ha de associações de 2 espécies e 26 ha de associações mistas.

Os 14.379 ha de associações puras, compreendiam:

13.352 ha de pinheiro bravo
213 ha de eucaliptos
240 ha de sobreiros
357 de carvalhos
31 de pinheiro manso
152 ha de castanheiro bravo
119 ha de medronheiros
9 ha de zambuzeiros
3 ha de choupos e
3 ha de castanheiro manso.

A área agrícola-florestal, com 28 ha, apresentava 7 ha com associações arbóreo-arvenses, 21 ha com associações constituídas por oliveiras e pinheiros, castanheiros, carvalhos, medronheiros e sobreiros.

Os restantes 5.511 ha eram de áreas sociais (a 867 ha) e terrenos incultos (= a 4.644 ha):

Os métodos agrícolas são muito rudimentares e os colonos, avessos à modernização da agricultura, tanto que em freguesias como Cela, pouco se tem conseguido para a introdução de novas técnicas.

Um exemplo do que afirmamos foi notado quando presenciamos a colheita da cenoura, feita por mulheres e crianças, sentadas ao chão.

Estas pessoas recebem um salário de 60 escudos (Cr\$ 13,20) por dia por esta tarefa.

11 - Culturas agrícolas

Sendo uma região de policultura extremamente variada, torna-se difícil inumerar quais as culturas secundárias e quais as principais. Entretanto, como se verá a seguir, nota-se o predomínio da vinha, das frutas e do trigo.

Vinha - frequentemente associada à oliveira e ao arvoredo frutífero.

Na lavoura trabalham mulheres, crianças e velhos, como de resto em todas as outras culturas da área, pois os homens emigraram notadamente para a França.

A vinha ocupa áreas de certa importância nas encostas do néo-jurássico, geralmente nas terras altas onde se encontram os povoamentos mais desossos, predominando nas freguesias de Cós e Alpedriz.

Produção de vinho - hl

1960	104.656 hl
1961	124.722 hl
1962	184.665 hl
1963	145.972 hl

Desta produção 46% é do vinho branco, 3.000 são os vinicultores da região; além de prover às necessidades locais esta quantidade ainda encontra excedente para exportação.

Os vinhedos são beneficiados com cuidadoso amanho, tanto no que concerne ao terreno como à própria cépaa. A manteia ou surriba é feita no verão com enxada, sendo raro o uso do trator. Após a descava feita nas vinhas novas ou em certas cépas segue-se a "cava à rasa" completada mais tarde com uma redra.

A armação é baixa, aparecendo poucas emcordaço. Para a podada usa-se vara simples.

Para favorecer a limpa dos cachos, facilitar a maturação e economizar inseticidas, procede-se à desparra das cépas em abril e nas proximidades da vindima.

As doenças mais comuns são o mildio e o oídio.

As castas que servem de base aos vinhos regionais são: João de Santa-rém; Tintinha e Grand Noir para os tintos; Rabo de Ovelha, Fernão Pires e Tamarez para os brancos.

As freguesias maiores produtoras são:

Vinho tinto - Évora de Alcobaça - Bárrio

Vinho branco e tinto - Alfeizerão - Alcobaça - Alpedriz - Vestiária - Cela - Maiorga - Cós.

Oliveira - O olival estreme encontra-se, praticamente, localizado em Alcobaça. Em 1954, havia 508.225 pés, correspondente a 12,1 pés por ha.

Por palavras locais fomos informados de que a cultura da oliveira tende a se extinguir porque é difícil, onerosa e rende pouco. Para corroborar esta afirmação, notamos a derrubada de alguns olivais e o consequente aproveitamento do terreno para outros cultivos, notadamente, o de frutos.

A colheita inicia-se nos primeiros dias de novembro e vai até fins de dezembro, e às vezes até janeiro.

A apanha faz-se de uma só vez e é generalizado o processo de ripar as árvores.

Os sacos utilizados equivalem a mais ou menos 80 kg e são precisas 2 pessoas para a apanha de um.

A média de árvores por ha é de 80, cada uma produzindo cerca de 1,75 litros.

Produção de azeite em hl:

1960	3.553 hl
1961	16.290 hl
1962	250 hl
1963	5.796 hl

Culturas florestais - A espécie mais generalizada é o pinheiro, que ocupa quase 51% da área do conselho.

Existem diversas espécies disseminadas em toda a área, a saber: pinheiro bravo, eucalipto, sobreiro, pinheiro manso, carvalho, castanheiro bravo, medronheiro, etc.

As matas são de propriedade estatal e particular. Nestas, a produção destina-se a extração da celulose, à caixotaria, à lenha e à resina.

A técnica de cultivo do pinheiro é extremamente simples: a semente é lançada e coberta. Sucedem-se os cortes de limpeza (geralmente aos 5, 10, 12 e 15 anos), o desbastamento (de 5 em 5 anos) e os cortes de redução.

Além do pinheiro, aparece no conselho o sobreiro, principalmente na área limítrofe à sede do conselho, porém devido ao excessivo descortiamento é uma espécie que tende a desaparecer.

Cultura hortícola - raramente apresenta uma superfície superior a 500 m². As culturas mais comuns são: feijão, couve, repolho, cebola, cenoura, tomate, pimentão, pepinos, e às vezes, ervilha, favas, batata e batata inglesa.

O feijão, quando estreme, pode produzir 600 a 750 kg por ha e a fava, de 950 a 1.300 kg/ha.

A batata quando cultivada em sequeiro rende de 10 a 12.000 kg/ha, ao passo que em regadio vai de 12 a 15.000 kg/ha.

Ultimamente, tem havido um grande incremento à produção de cenoura e feijão verde (vagem) na área limítrofe com o conselho de Nazaré.

A horticultura é familiar e frequentemente, apresenta-se numa forma itinerante.

Cultura arvense

Estreme de regadio - Sempre que a topografia do terreno permite e a água é acessível, encontramos um aproveitamento intensivo do solo com rotação de cultura, seguindo ao trigo uma cultura sachada, tal como o milho, acompanhado ou não de beterraba, feijão e abóbora ou então de repolho, feijão e tomate.

Em Maiorga, encontramos uma cultura de trigo seguida de uma de milho. Em Cela, a uma de trigo seguir-se-ia uma de repolho.

O milho quando cultivado em sequeiro pode apresentar um rendimento de 600/900 kg/ha; em Cela, foi-nos dito que numa lavoura de regadio a produção havia sido de, mais ou menos 2.000 kg/ha - em Maiorga, nas mesmas condições, chega a 3.000 kg/ha.

O trigo quando produzido em altas terras acusa de 850 a 1.000 kg/ha, sendo que em terras baixas sobe a

produção para cerca de 1.500 kg.

Estreme de sequeiro - A cultura mais característica é a do cereal, sachada, e com um período de pouso no outono - inverno, sendo mais comum o trigo e sachada (mais usada) o milho (combinado ou não). Nos arredores de Alcobaça, a cultura da fava se dá de 7 em 7 anos, após 3 ciclos bienais de cereal da pragana e milho, sendo que este também aparece associado ao feijão, a beterraba, a abóbora ou hortaliças.

Em face de condições climáticas desfavoráveis ocorreu em 1969 uma menor área de sementeira e consequente menor produção cerealífera. Deste fato resultou uma redução de cerca de 30% nas receitas de debulha.

Pastagens - O prado de inverno é obtido pela associação de 2 ou mais espécies, sendo mais utilizadas a aveia, o centeio e o azevém - entre as gramíneas, e o trevo, a ervilhaca e o feno - entre as leguminosas.

Nas áreas mais baixas e de difícil drenagem, a cultura de inverno se limita mais ao aproveitamento para o pasto especialmente em Maiorga.

Cultura frutífera - sendo a mais importante do conselho vamos nos deter um pouco mais em suas considerações:

O Centro Nacional de Estudo e Fomento à Pomericultura, com sede em Alcobaça, foi fundado em 1959 e tem por função precípua o fomento à fruticultura em Portugal com a substituição de pomares antigos pelos de técnicos europeus avançadas.

Preocupa-se desde os trabalhos preliminares de instalação até a permanente assistência técnica gratuita.

Os proprietários interessados fazem uma inscrição e, durante os meses de verão os técnicos estudam a localização do terreno e as condições mesológicas, abrindo covas para estudos de perfis de solos. O tipo de árvore adequado e o traçado da plantação são entregues até o fim do outono. 98% dos pomares de Alcobaça são orientados pelo Centro que vai introduzindo novas técnicas que possibilitam um aumento de produção e consequente barateamento do produto.

O tipo de pomar que se está tornando característico na área é a formação em palmeto. Consiste no plantio em alinhamento das espécies, sendo que o tronco é cortado a 60 cm do solo. Daí nascem ramos opostos a 45 graus que deverão ser, naturalmente torcidos, amarrados em estacas. Novos galhos vão surgindo e vão passando pelo mesmo processo.

Este método permite que a colheita se faça em muito menos tempo que os pomares em eixo e em taça, além do uso de trator e do aproveitamento

do terreno entre as linhas de árvores.

Muitas vezes o pomar é arrendado por 2, 3 ou 4 anos, sendo que uns arrendatários fazem todo o tratamento exigido tal como adubagem, estrumagem, etc; outros, adquirem apenas a produção. Há ainda o tipo "a olho" - onde o proprietário calcula a produção daquele ano ou de 2, e a arrenda.

Existem outras modalidades e o produto chega ao consumidor por um preço exorbitante devido aos inúmeros intermediários.

Das culturas salientam-se na área: a de pereiras e a de macieiras. As pereiras começam a produzir, economicamente a partir do 5º ano e, as macieiras, a partir do 4º ano.

Torna-se difícil precisar a produção exata da área porque o proprietário ou o arrendatário não especifica a quantidade colhida.

As macieiras de pomar em eixo e em áreas de várzeas, portanto em cultura intensiva de regadio, podem produzir:

- no 4º ano	5.550 kg/ha
no 5º ano	9.000 kg/ha
no 6º ano	14.720 kg/ha
no 7º ano	29.000 kg/ha
no 8º ano	30.000 kg/ha

Nos pomares de encosta, em patamares, portanto em cultura de sequeiro, rendem:

- no 5º ano	2.260 kg/ha
no 6º ano	6.750 kg/ha
no 7º ano	9.700 kg/ha
no 8º ano	13.166 kg/ha
no 9º ano	16.350 kg/ha

Os pomares em tipo palmeto rendem:

- no 3º ano	2.330 kg/ha
no 4º ano	12.000 kg/ha
no 5º ano	16.000 kg/ha

As pereiras em eixo e em zonas de várzea, produzem:

- a partir do 6º ano	18.500 kg/ha
a partir do 7º ano	36.000 kg/ha
a partir do 8º ano	40.000 kg/ha

A despesa de instalação de um pomar com uma área de 1 ha (1 hectare) está orçada ao redor de 30 contos (Cr\$ 660,00).

Em Alcobaça, a maioria destes pomares (com área inferior a 1 ha) encontra-se ao redor dos (5.000/6.000 m²). Apenas 2 (dois) têm área superior a 10 ha e são propriedades que contam até com frigorífico próprio para a conservação da produção.

Em 1957 havia no conselho de Alcobaça:

39.877 macieiras
1.187 pessegueiros
25.355 pereiras
198 ameixeiras.

Segundo a Junta Nacional das Frutas, em 1958, o número era de:

78.000 macieiras
46.000 pereiras
40.000 laranjeiras
11.800 nespereiras
2.700 marmeiro
1.700 lomoeiros
74.000 pessegueiros
43.000 figueiras
34.000 ameixeiras
5.000 cerejeiras
2.000 ginzeiras
1.200 damasqueiros
total.. 339.400 pés.

Hortaliças e legumes - Recorremos à Câmara Municipal a fim de obtermos dados sobre a produção, porém esta não possui elementos para quantificar e adiantou-nos que o conselho abastece, além da sua zona, parte dos mercados de Lisboa, Coimbra e Porto.

É uma cultura que exige esmerada preparação da terra, adubação ou estrumação, além de outros cuidados e aparece às vezes associada, como por exemplo, à batata, ao feijão e ao repolho.

A plantação dá-se duas vezes ao ano: abril a fins de junho e, de comemoração de outubro a meados de novembro.

Em nossa pesquisa não encontramos uma exploração que usasse irrigar a cultura diariamente, o que é feito esporadicamente.

Cooperativas e outras formas de atendimento ao agricultor -

A Cooperativa Agrícola de Alcobaça (que foi sindicato agrícola até 1932) conta com 14.000 associados e fornece ao agricultor tudo o que ele necessita para a manutenção da sua lavoura (corretivos, adubos, inseticidas, fungicidas, máquinas e alfaias, fármacos alimentares etc).

Seu montante de vendas atingiu a soma de 12.500 contos (Cr\$ 70.000,00) em 1968.

Conta com uma Secção de Máquinas e Alfaias Agrícolas que empresta veículos ao cooperativado, encarregando-se também de distribuir as mercadorias adquiridas e de reparar os instrumentos agrícolas adquiridos por seu intermédio ou não.

Tenciona ampliar a sua Central Fruteira cuja capacidade atual é de apenas 130 toneladas.

Atualmente dispõe de um ativo de 5.300.000 escudos (Cr\$ 27.500.000,00) e estende sua ação aos conselhos vizinhos, contando com 60 delegações nas povoações de maior importância.

Destaques-se a existência de pequenas cooperativas de máquinas onde 10 ou 12 proprietários adquirem um implemento que se torna propriedade comum.

No conselho funcionam ainda a A-

dega Cooperativa elaborada pela Junta Nacional de Vinhos - a única em funcionamento na região. É uma cooperativa de transformações e venda.

Também prestam auxílio a Caixa Agrícola de Crédito Mútuo e o Grêmio da Lavoura.

A divisão dos pais em Regiões Agrícolas, visa não sómente a prestação de assistência ao agricultor como também a preparação profissional de trabalhadores, funções estas que são exercidas pela Brigada Técnica que também colabora na construção de silos e nitreiras. Até o presente momento, de 30 projetos para construção de silos, 8 já foram efetuados, e, de 17 para a construção de nitreiras também já foram concluídos.

A região de Alcobaça está afeta à Circunscrição Florestal de Marinha Grande, sendo que a freguesia da Pataias está aos cuidados da Administração Florestal do Engenho e as demais freguesias à do Valado de Fraões (em Nazaré).

A Estação de Experimentação Florestal mantém instalados os seguintes serviços:

- Centro de Estudos do Castanheiro com um campo experimental em Vimeiro.

Estação de Experimentação do Sobreiro e do Eucalipto

Laboratório de Tecnologia da Celulose

Laboratório para Ensaios de Resistência das Madeiras.

A estrutura do espaço agrário - Conclusões

A Junta de Colonização Interna é um organismo oficial que tem a seu cargo a implantação do emparcelamento no país. Por falta de recursos, até o momento presente, sua ação na área em estudo tem-se restringido à concessão de empréstimos para melhoramentos agrícolas.

Por emparcelamento entende-se "a medida que visa a substituição da divisão parcelar defeituosa por um novo arranjo predial, permitindo a utilização da maquinaria agrícola, caracterizada pela constituição de parcelas maiores, em número tão reduzido quanto possível, providas de acessos fáceis e diretos e beneficiando de um conjunto de melhoramentos fundiários que tem por finalidade o integral e melhor aproveitamento de todos os recursos naturais. Esta intervenção tem em vista a melhoria das condições da exploração agrícola pela reunião das parcelas diversas pertencentes a um mesmo proprietário, e constituir a condição "sine qua non" do progresso da agricultura".

A finalidade é dotar cada proprietário de um número mínimo de prédios, de acordo com a conveniência

da respectiva exploração, com uma superfície equivalente, em valor de produtividade real, à que anteriormente possuia; reunir, na medida do possível, as parcelas cultivadas por um mesmo arrendatário, mesmo quando estas sejam propriedade de vários donos; proporcionar a cada dono livre acesso às vias de comunicação; procurar completar, sempre que viável, a exploração daqueles proprietários que não possuam a superfície suficiente para atingir a unidade mínima de cultivo; promover a realização de melhoramentos fundiários de interesse coletivo; de forma a assegurar uma perfeita utilização de todos os recursos.

O equipamento utilizado em cada propriedade mostra-se condicionado à estrutura desta propriedade. Ora, a pequena exploração, dominante na área em estudo, não é capaz de modernizar seus implementos, o que se reflete sobre a produção. O proprietário não pratica o afolhamento porque a área disponível não o permite e, procede à derrubada das matas pelo mesmo motivo.

O regime do minifúndio é sempre acompanhado de uma grande dispersão de parcelas.

No conselho estudado, a propriedade coletiva e a do Estado apresentam uma certa expressão se forem comparadas com a individual. Isto porque encontramos na área 2.300 ha pertencentes à serra dos Candeeiros e 270 ha de florestas estaduais, florestas estas que apesar da intenção do

Governo em conservá-las estão, aos poucos, sendo invadidas.

Do número total de propriedades 97,36% correspondem à pequena; 2,58% à média e 0,06% à grande, não aparecendo nenhuma, muito grande propriedade, o que evidencia a altíssima percentagem da pequena propriedade.

Nos dados censitários de 1954, encontramos:

5.140 propriedades exploradas por conta própria.
989 propriedades por arrendamento
25 por parceria
1.490 por conta própria e arrendamento
19 por conta própria e parceria
5 por arrendamento e parceria
13 por arrendamento, parceria e conta própria.

Ainda nestes dados, colhemos que o tipo de exploração mais comum era a familiar imperfeita, a saber:

Tipo de empresas	Número de explorações
familiares imperfeitas	38.986

familiares perfeitas	21.849
patronais individuais	19.150
patronais societárias	21
públicas	4
TOTAL de explorações	= 80.010

Quanto às formas de exploração, temos:

- das 38.986 familiares imperfeitas:
15.842 eram exploradas por conta própria
12.920 por arrendamento ou sub-arrendamento
1.229 por parceria
7.811 por conta própria, arrendamento ou sub-arrendamento.
541 por parceria e conta-própria
173 por conta própria, arrendamento ou sub-arrendamento e parceria.

- das 21.849 familiares perfeitas:
11.220 eram por conta própria
3.936 por arrendamento ou sub-arrendamento
174 por parceria
5.908 por conta própria, arrendamento ou sub-arrendamento
289 por parceria e conta própria
171 por conta própria, arrendamento ou sub-arrendamento.

- das 19.150 patronais individuais:
12.060 eram exploradas por conta própria
1.977 por arrendamento ou sub-arrendamento
128 por parceria
4.282 por conta própria, arrendamento ou sub-arrendamento
403 por parceria e conta própria
209 por conta própria, arrendamento ou sub-arrendamento e parceria

- das 21 propriedades patronais societárias:
11 eram por conta própria
14 por arrendamento ou sub-arrendamento
4 por conta própria, arrendamento ou sub-arrendamento
1 por parceria e conta própria
1 por conta própria, arrendamento ou sub-arrendamento e parceria

- das 4 propriedades públicas:
4 eram exploradas por conta própria.

Resumindo, temos que:

- das 80.010 propriedades de 1958:
39.137 eram exploradas por conta própria
18.837 por arrendamento ou sub-arrendamento
1.531 por parceria
18.005 por conta própria, arrendamento ou sub-arrendamento

1.234 por parceria e conta própria
554 por conta própria, arrendamento ou sub-arrendamento e parceria.

A agricultura da região apresenta, de um modo geral, acentuado caráter doméstico. Dada a variedade de operações que a caracterizam é a atividade que se presta mais ao trabalho de mulheres e crianças: às mulheres está afeto o trato do gado miúdo, as sachas, as mondadas, o corte das uvas nas vindimas, a apanha da azeitona, a condução da água na rega, a colheita da cenoura, no que são secundadas pelas crianças.

Um outro problema que se faz notar na região, além da falta de braços, é o grande número de intermediários que comercializam o produto, desde a sua colheita até a chegada à casa do consumidor, o que onera grandemente.

Este problema seria solvido com o surgimento de uma organização cooperativa, perfeitamente estruturada, apoiada técnica e financeiramente, capaz de tomar a seu cargo, diretamente, a comercialização dos produtos agrícolas, de forma a fazer reverter em proveito dos produtores e consumidores aqueles benefícios que, quase sempre, vão para terceiros.

Encontramos no conselho uma modalidade de trabalho a que poderíamos designar de trabalho familiar de troca. Dá-se em épocas de colheita de uvas e outros produtos onde as famílias agricultoras auxiliam-se mútuamente.

Existem poucos casos de trabalho assalariado, isto é, trabalho exercido por estranhos à família do empregador e que demande honorários.

Em nossa área de estudo, a problemática agrária parece cingir-se aos seguintes aspectos:

1. condicionamento histórico, com tendências ao medievalismo
2. excessiva divisão da propriedade
3. elevação do preço da terra
4. falta de mão-de-obra pela acentuada emigração
5. individualismo acentuado.

A tendência ao cooperativismo e à agricultura socializada é muito recente para que já comece a dar frutos (a mais antiga associação para seguro de gado foi fundada por Bárrio, na freguesia de Cela, em 1891). Em 1911,

foi criado o Sindicato Agrícola de Alcobaça; em 1912, a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo.

A falta de elementos idôneos de consulta com suficiente grau de pormenor impediu que fizéssemos uma análise rigorosa, quantitativa e qualitativamente de todos os elementos que entraram neste trabalho. Por exemplo: só conseguimos apurar o número atual de contribuintes de prédios rústicos no conselho que é de 19.562.

Do estudo dos elementos conseguidos resultam as **características básicas gerais** da zona; características estas que foram abordadas anteriormente quando enumeramos os principais problemas que afigem a estrutura agrária da região.

No entanto, parece-nos que a verdadeira solução reside na educação do homem rural. O qual deve conhecer os objetivos a entender as intenções de obras como o emparcelamento de uma região, a inauguração de cooperativas, o incremento à frequência de cursos, a mecanização, etc., a fim de que se torne esclarecido e voluntariamente cooperante.

BIBLIOGRAFIA

Aldemira, Luiz Varela.... "Alcobaça ilustrada"
Baticle, Yves..... "L'élevage ovin en Estremadure" - 1967
Natividade, J. Vieira.... "O mosteiro de Alcobaça"
"Grutas de Alcobaça"
"As granjas do mosteiro de Alcobaça"
Rau, Virginia e
George Zbyszewski..... "Estremadura e Ribatejo"

- Dados e pesquisa recolhidos em:

- Serviço de Reconhecimento e de Ordenamento Agrário
- Centro Nacional de Estudo e Fomento à Pomericultura
- Câmara Municipal de Alcobaça
- Junta de Colonização Interna
- Pesquisa de campo.

Glossário

Ferrejos - milho ainda não sachado
cultura sachada - feita com a sacha
sacha - pequena enxada
cultura arvense - que cresce em terras semeadas
1 escudo ouro - igual a 6 escudos

freguesia - faz parte de um conselho, e corresponde ao distrito brasileiro. A reunião de alguns conselhos corresponde ao distrito. (Correspondência administrativa Portugal - Brasil: Distrito = Estado, Conselho = Município e Freguesia = Distrito)

prado de inverno - campo coberto de plantas herbáceas que servem para pastagem.

fenacho - leguminosa empregada em ração para o gado

ervilhaca - leguminosa, danifica as sementes mas serve de pasto

cultura estreme - que não mistura, pura

cereal de pragana - barba de espiga

de cereais

sideração - adubação com leguminosa, cultivadas para esse fim no próprio terreno que se pretende adubar.

"ensejo" do milho - ou de outra cultura, é a ocasião própria para o plantio.

serradela - planta leguminosa

hortos - hortas pequenas, pequena porção de terreno

penisco - semente de pinheiro bravo

manteia ou surriba - escavação para a fofar a terra à grande profundidade

subsoladora ou charrua - espécie de arado com uma só aiveca que lava até o sub-solo

empa - estaca a que se apoia a videira ou outras trepadeiras

varejo - sacudir com vara

repagem - limpeza da terra

alqueive - terra que foi lavrada e deixada em pousio

monda - colheita de uvas de maturação precoce, antes da vindima geral

covacho - pequena cova

eira - porção de terreno liso e duro em que se secam cereais e legumes e em que se malham e limpam os mesmos

cépa - tronco da videira

cevar - nutritir, fomentar

afolhamento - divisão do campo em parcelas para lhes al-

ternar a cultura
 tarara - aparelho para limpar o grão
 de trigo, agitando-o e venti-
 lando-o
 soalheiro - hora do calor mais inten-
 so, exposição ao sol
 avesseiro - terreno úmido ou frio em
 que não dá sol
 úmbria - lugar sombrio
 cabaço - medida de líquidos; instru-
 mento com que se extraí a á-
 gua de poços e represas le-
 vando-a a um sulco que a dis-
 tribui ao terreno que se de-
 seja regar.
 nora - aparelho para extraír água de
 poços ou cisternas
 cegonha - engenho tósc para extraír
 água
 azenhaz - moinho de rodízio, movido
 por água
 lagar - espécie de tanque em que se
 exprimem e se reduzem a lí-
 quido certos frutos
 giesta - leguminosa
 piorno - planta leguminosa

tojo - planta espinhosa de flores ama-
 relas
 esteva - planta vulgar
 carrasco - arbusto silvestre, espécie
 de carvalho
 lentisco - o mesmo que aroeira
 montados - terrenos onde crescem
 principalmente sobreiros
 ou azinheiros e em que po-
 de pastar o gado suino
 terreno maninho - terreno inculto
 mangual - instrumento utilizado para
 debulhar cereais
 trilho - instrumento próprio para de-
 bulhar trigo
 silvas - campos gerais
 piteiras - planta amarilídea
 sis - nome antigo do hoje chamado
 imposto de transmissão
 nitreira - lugar destinado a receber
 os líquidos que escorrem
 dos estábulos
 vinho verde - de sabor ácido, menos
 alcoólico que o comum,
 fabrico no Minho e par-
 tes de Beira com uvas

especiais, às vezes co-
 lhidas antes da matura-
 ção
 cultura arvense fresca - horticultura
 pastagem de lezíria - nas planícies de
 inundação
 empa - estaca a que se liga a videira
 alimpa dos cachos de uva - corte dos ra-
 mos super-
 fluos
 desparrar - ato de desfolhar
 mísio - doença de videira que lhes a-
 taca os órgãos verdes, espe-
 cialmente as folhas
 oídio - gênero de cogumelos parasi-
 tas, uma das espécies produz
 uma doença nas uvas.



Este estudo resultou de um tra-
 balho didático, que realizamos
 com os nossos alunos da Cadeira
 de Geografia Económica - da Fa-
 cultade de Economia - Campus
 Lajeado - no 1º semestre de
 1.971.

O trabalho teve os seguintes
 objetivos:

1º - permitir aos alunos rela-
 cionar os estudos teóricos de
 Geografia Económica com os fa-
 tores geo-humanos da localidade,

2º - treinar os alunos na tec-
 nica de preparo e aplicação de
 questionário em zona rural,

3º - Treinar os alunos na tec-
 nica de tabulação de dados e sua
 respectiva interpretação.

Apos selecionarmos, através de
 aerofotos, paisagens típicas de
 geografia rural do Estado, fizemos
 o reconhecimento destas paisa-
 genes no terreno, auxiliados por
 Geógrafos da UGC, CEMAPA, a
 fim de escolhermos o espaço para
 aplicação do questionário.

Durante o reconhecimento do
 terreno, verificamos que, tendo em
 vista a finalidade didática, o
 questionário deveria ser aplicado
 em um espaço geográfico uniforme,
 a fim de que os alunos pu-
 dessem apos a tabulação dos da-
 dos, formarem uma ideia do lo-
 cal estudado.

No dia da excursão, além das
 paradas para observação no ter-
 reno, foram aplicados 23 ques-
 tionários, por 46 alunos, tendo cada
 2 alunos feito uma entrevista nu-
 ma propriedade rural num terraço
 fluvial do Rio Taquari.

Apos a tabulação dos dados e
 interpretação por grupos de alu-
 nos, considerando a riqueza de

formações colhidas e principal-
 mente a controvérsia entre os a-
 alunos a respeito da interpretação
 dos dados, elaboramos este rela-
 torio.

ASPECTOS FÍSICOS

O espaço estudado neste tra-
 balho situa-se no Município de
 Venâncio Aires, ao sul da cidade
 de Bom Retiro e ao norte da pon-
 te da Reversa. Esta limitado pelo
 Rio Taquari e seus afluentes, ar-
 roios Castelhano e Chafariz. Geo-
 morfológicamente, o espaço se si-
 tua numa porção de largo ter-
 ração fluvial, que corresponde ao
 leito maior, do Taquari sujeito a
 inundações durante as maiores
 cheias. A localização geográfica
 desta colônia é das mais favora-
 veis, pois todas as propriedades
 rurais situam-se de frente para
 uma rodovia estadual, de tráfego
 permanente, já bastante antiga,
 ligando Porto Mariano a Lajeado.
 Ficam ainda de frente para o
 rio Taquari, francamente navega-
 vel e em condições de transpor-
 tar qualquer volume de produção
 para Porto Alegre e outros centros
 consumidores. Atualmente, a si-
 tuação de comunicações ficou
 ainda muito melhor com o asfal-
 tamento da rodovia Porto Mariano
 a Tabaí. Em direção ao norte
 atinge-se, por rodovia saíbra-
 da de tráfego permanente a cida-
 de de Lajeado, que é servida pe-
 la Estrada da Produção.

EXPERIÊNCIA DIDÁTICA NUMA COLÔNIA DO VALE DO TAQUARI

José Alberto Moreno

Geógrafo